

ESTUDOS SOBRE AQUISIÇÃO DE ASPECTO

Neste capítulo serão apresentados alguns estudos sobre aquisição de aspecto, tanto em *frameworks* mais desenvolvimentistas quanto numa perspectiva gerativista.

Antes de relatá-los, contudo, faz-se necessário esclarecer o que pode ser entendido por aquisição de aspecto. Retomando a distinção anteriormente apresentada entre aspecto gramatical e aspecto lexical, poder-se-ia pensar que a aquisição de aspecto envolve, por um lado, a identificação e posterior interpretação semântica dos afixos verbais responsáveis por codificar as distinções gramaticais referentes a aspecto; e, por outro, a aquisição de verbos cujos traços semânticos, tais como *estatividade*, *pontualidade* e *telicidade*, oferecem informação aspectual.

Essa concepção sobre o que tem de ser adquirido quanto a aspecto e como esse processo ocorre está vinculada à visão de aquisição por nós adotada. Diversos estudos sobre aquisição de aspecto que serão apresentados conceberam de maneira diferenciada aquilo que tem de ser adquirido e como se dá esse processo de aquisição. Para aqueles que se filiam a uma perspectiva desenvolvimentista, o processo de aquisição segue um curso limitado por estágios de desenvolvimento cognitivo. Como será visto, a aquisição de Tempo, por exemplo, teria início quando a criança entrasse no estágio operacional. Antes disso, essa categoria não poderia ser adquirida em função de a criança não ter desenvolvido ainda bases cognitivas para tal. Para aqueles que se filiam a uma perspectiva gerativista/minimalista o processo de aquisição gira em torno da aquisição do léxico de uma língua ou, mais especificamente, dos traços que compõem o léxico dessa língua. Estudos de aquisição inscritos nesse *framework*

tratam exclusivamente de traços formais, já que apenas traços dessa natureza são relevantes para o SC (cf. visto no cap. 2).

4.1 ABORDAGENS DESENVOLVIMENTISTAS SOBRE AQUISIÇÃO DE ASPECTO

Os trabalhos relatados nesta seção, produzidos majoritariamente entre as décadas de 70 e 80 e que visavam à validação da hipótese de Jakobson (1957), de acordo com a qual aspecto verbal é adquirido antes de tempo, se posicionam em relação a uma correspondência entre o início do processo de aquisição de linguagem e o estágio pré-operacional de Piaget. De acordo com os trabalhos de Bronckart & Sinclair (1973), Antinucci & Miller (1976) e Bloom, Lifter & Hafitz (1980), durante o estágio cognitivo pré-operacional, as crianças marcariam apenas as distinções aspectuais, na medida em que tais distinções se referem a propriedades de eventos particulares. Durante esse estágio, as crianças tenderiam a prestar mais atenção às características particulares do que às gerais. O uso de formas verbais indicando tempo ocorreria apenas durante o estágio operacional. De acordo com essa visão, crianças pequenas teriam dificuldade para representar relações temporais.

O primeiro trabalho sobre aquisição de aspecto apresentado nessa linha foi o de Bronckart & Sinclair (1973), os quais estudaram crianças entre 2;11 a 8;7 anos de idade aprendendo francês e verificaram uma interação entre a semântica dos verbos e o surgimento de determinados afixos verbais. Nesse experimento, o experimentador manipulava alguns brinquedos e, em seguida, pedia às crianças que relatassem aquilo a que tinham assistido. Como os participantes deveriam relatar as cenas assistidas depois que elas terminassem, a rigor, todos os relatos produzidos deveriam estar no tempo passado. As crianças de até 6 anos relataram as cenas com um resultado claro ([+télicas])¹ empregando o passado composto – responsável por codificar o traço [+perfectivo] em francês. De maneira oposta, quando não havia essa clara noção de resultado (traço [-télico]), essas mesmas crianças empregaram o tempo presente. Partindo dessa análise,

¹ Bronckart & Sinclair (1973) referiram-se a essa noção de resultatividade como perfectividade. De acordo com o modelo de descrição de aspecto por nós adotado, seria mais correto definir essa noção em termos do traço de *telicidade*.

Bronckart & Sinclair (*op. cit.*) defenderam que o uso que a criança faz da flexão verbal é principalmente uma codificação de aspecto, e não de tempo.

De maneira semelhante, Antinucci & Miller (1976) obtiveram resultados de produção, de acordo com os quais crianças adquirindo o italiano empregam o *passato prossimo* (um passado composto e [+perfeito]) primeiro com predicados télicos. Esses resultados são bastante semelhantes aos apresentados por Bronckart & Sinclair (*op. cit.*). Além disso, os dados do italiano mostraram que as crianças concordaram o particípio passado do verbo principal com o objeto direto², diferentemente do que ocorre na língua alvo. Essa concordância atípica foi interpretada como uma necessidade de reforçar o valor resultativo do tempo passado. Baseados nesses dados, Antinucci & Miller (*op. cit.*) defendem que, durante o estágio pré-operacional, a capacidade da criança de representar eventos passados é limitada, no sentido de que ela pode apenas codificar tempo passado quando há um valor resultativo claro. Para que seja capaz de representar um evento passado, a criança precisa de uma ligação concreta entre o agora e a ação, isto é, um resultado observável. À medida que a capacidade de representar eventos passados se expandisse, a criança gradualmente começaria a empregar o *passato prossimo* com todos os tipos de predicado.

Bloom, Lifter & Hafitz (1980) realizaram um estudo bastante semelhante ao de Bronckart & Sinclair (*op. cit.*), embora baseado em dados de aquisição em língua inglesa. Os resultados obtidos sugerem uma certa relação entre o traço semântico de *duratividade* do verbo e o afixo verbal empregado. No caso de verbos [+durativos] – tais como “brincar” e “correr” –, as crianças empregaram o afixo *-ing*, responsável por codificar o aspecto progressivo; ao passo que com verbos [-durativos] – tais como “cair”, “sair” – elas empregaram o afixo *-ed*, o qual codifica tempo passado e aspecto perfectivo. Tais resultados foram interpretados por Bloom, Lifter & Hafitz (*op. cit.*) como evidência de que as flexões verbais iniciais são seletivamente empregadas em verbos em função de um determinado aspecto lexical.

Muitos estudos contestaram o que propuseram Bronckart & Sinclair (*op. cit.*), Antinucci & Miller (*op. cit.*) e Bloom, Lifter & Hafitz (*op. cit.*). Por um lado, tais

² As crianças teriam produzido estruturas como “*Ho presa una mella*”, em que o particípio passado – “*preso*” – concorda com o argumento interno “*una mella*”. Esse tipo de concordância, atípica em relação à língua alvo, foi interpretada por Antinucci & Miller (*op. cit.*) como marca de resultatividade, sem a qual as crianças não produziriam tempo passado.

estudos não explicam o fato de as crianças empregarem corretamente vários afixos temporais antes dos 6 anos de idade, ou seja, antes do estágio operacional. Há evidência experimental de que crianças novas já apresentam conhecimento de conceitos temporais³ e de que podem usar marcas de passado perfeito mesmo quando não há resultados claros.

Harner (1981), por exemplo, em um estudo experimental de afixos verbais a partir da produção de 100 crianças falantes do inglês entre 3;1 e 8;3 anos, observou que as crianças de 3 e 4 anos empregam o presente em metade dos contextos de passado tanto com verbos atéticos quanto com verbos télicos. Esse padrão, embora não tenha sido observado nas crianças mais velhas, contraria o que propuseram Bronckart & Sinclair (*op. cit.*), de acordo com os quais os verbos [+télicos] seriam produzidos no passado, e os [-télicos], no presente.

Um possível problema dos estudos experimentais de Bronckart & Sinclair (*op. cit.*) e Antinucci & Miller (*op. cit.*), acima apresentados, diz respeito ao fato de terem sido empregados diferentes verbos para situações télicas e atéticas, o que dificulta a avaliação do parâmetro \pm télico, uma vez que outros efeitos podem ter mascarado os resultados.

Para McShane & Whittaker (1988), o fato de Bloom, Lifter & Hafitz (*op. cit.*) se basearem em dados da fala espontânea leva o referido estudo a confundir o aspecto lexical do verbo usado com o tempo de ocorrência de uma situação. Nesse sentido, a maioria dos afixos *-ed* descreveriam situações que já tivessem ocorrido, ao passo que a maioria dos afixos *-ing* descreveriam situações que estivessem em progresso. Naquele contexto, qualquer que fosse a natureza aspectual das raízes verbais que co-ocorressem com os afixos, os dados não seriam suficientes para refletir uma insensibilidade quanto a Tempo.

Parece-nos claro que, ainda que haja algum tipo de interação entre Tempo e Aspecto – bem como entre os aspectos lexical e gramatical – no processo de aquisição, as evidências apresentadas para sustentar a ausência de relações temporais são extremamente questionáveis, seja porque se baseiam em dados da fala espontânea – situações que podem levar a uma confusão entre o aspecto lexical e o tempo de ocorrência de uma situação (cf. McShane & Whittaker (1988))

³ A esse respeito, Brown (1973) já havia assumido que a flexão *-ed* de passado regular no inglês era uma marca de tempo que já se apresentava bastante cedo no processo de aquisição da linguagem. De maneira semelhante, Weis *et. al.* (1984), em um estudo do polonês, mostraram que crianças codificam tempo já nos primeiros estágios da aquisição.

–, seja porque foram produzidas em estudos pouco controlados (empregando, por exemplo, verbos diferentes para analisar telicidade).

Essa visão de que há algum tipo de restrição quanto ao emprego de afixos que codificam tempo/aspecto em função de traços semânticos da raiz verbal ainda encontra defensores. Andersen (1989, 1991), Andersen & Shirai (1994, 1996) e Bardovi-Harlig (1999) defendem que o desenvolvimento da morfologia flexional é guiado pelo aspecto verbal nos primeiros estágios. De acordo com esses autores, o aspecto lexical de um verbo desempenha um papel importante na aquisição da morfologia verbal e os aprendizes tanto de L1 quanto de L2 adquirem aspecto antes de tempo. Uma tal proposição constitui, por um lado, a Hipótese do Aspecto (*Aspect Hypothesis*), desenvolvida inicialmente por Bloom, Lifter e Hafitz (*op. cit.*) e Andersen (1989, 1991); e, por outro, a Hipótese do Tempo Defectivo (*Defective Tense Hypothesis*), proposta por Bloom, Lifter & Hafitz (*op. cit.*) e já antevista por Antinucci e Miller (*op. cit.*).

Para aqueles que defendem a Hipótese do Tempo Defectivo, os padrões referentes à morfologia verbal produzida nos primeiros estágios da aquisição seriam consequência de uma limitação cognitiva da criança, que ainda não teria um conceito de relações temporais estabelecido. Nessa perspectiva, a flexão verbal seria redundante nos primeiros estágios da aquisição, visto que ela marcaria o que é inerente à semântica do verbo e de seus argumentos.

Shirai & Andersen (1995) afirmam que a Hipótese do Aspecto pode ser interpretada de duas maneiras distintas: como uma verdade absoluta ou como uma tendência. Os autores ilustram esses dois modos de entendê-la com dados do inglês. Assim, se a hipótese é compreendida como uma verdade absoluta, apenas verbos télicos receberiam flexões verbais de passado (*simple past*); se, por outro lado, ela for entendida como uma tendência, poder-se-ia dizer que a flexão verbal de passado é usada predominantemente com verbos télicos.

Interpretando a Hipótese do Aspecto como uma tendência, Andersen & Shirai (1996) propuseram um padrão para a aquisição de Tempo e Aspecto, de acordo com o qual as crianças usam primeiro marcas de passado (inglês) ou de *perfectividade* (chinês – que não tem tempo) com *achievements* e *accomplishments* (+ télicos), estendendo esse uso eventualmente para verbos de atividade e de estado. Os autores sugerem também que nas línguas que realizam a distinção perfectivo-imperfectivo, o passado perfectivo aparece primeiro e o

passado imperfectivo começa com verbos de estado e de atividade, sendo depois estendido aos *accomplishments* e *achievements*. Além disso, nas línguas em que há aspecto progressivo, as marcas relativas a essa categoria aspectual ocorrem primeiro com verbos de atividade, sendo depois estendidas aos *accomplishments* e *achievements*. Ainda de acordo com os autores, as marcas de progressivo não são incorretamente estendidas a verbos estativos. No PB, contudo, o emprego do progressivo com verbos de estado não configura agramaticalidade, diferentemente do que parece ocorrer em várias línguas (cf. o que se apresenta na seção 3.1.3.1).

Para tentar verificar em que medida tais previsões se aplicam no processo de aquisição do PB, parte dos dados da fala espontânea de duas crianças do sexo feminino (ENY e JES) adquirindo PB, relativos ao período de 2;1 a 2;5 anos de idade, quando afixos de tempo/aspecto puderam ser identificados, foram examinados⁴. Os dados analisados parecem passíveis de compatibilização com algumas das previsões realizadas por Andersen & Shirai (1996). De todas as formas verbais encontradas (502 ocorrências), 130 ocorrências (25,89%) estavam no passado, sendo que 125 no passado perfectivo, 4 no passado imperfectivo e apenas 1 no passado progressivo. Dentro do grupo de ocorrências no passado perfectivo, 65 ocorrências apresentaram verbos de atividade, 40 verbos de *achievement*, 11 ocorrências de predicados de estado, 8 de predicados de *accomplishment* e apenas uma ocorrência de verbo semelfactivo. Quanto ao passado imperfectivo, as únicas 4 ocorrências registradas foram de predicados de estado. No que diz respeito ao passado progressivo, a única ocorrência registrada deu-se com a estrutura “*tava chegando*”, de atividade. Essa distribuição percentual é apresentada na tabela 1.

⁴ Esses dados foram coletados para a tese *O traço de pessoa na aquisição normal e deficitária do português brasileiro* (Martins, 2007) e passaram a compor o banco de dados do LAPAL.

Tabela 1
Distribuição (%) de ocorrências de verbos no passado em dados da fala espontânea de 2 crianças de 2;1 a 2;5 anos, em função de aspecto e tipo de verbo/predicado*

Tipo de verbo ou predicado	Aspecto		
	Perfectivo	Imperfectivo	Progressivo
Estado	8,46	3,09	--
Atividade	50,0	--	0,76
<i>Accomplishment</i>	06,16	--	--
<i>Achievement</i>	30,77	--	--
Semelfactivo	00,77	--	--
Total	96,16	3,09	0,76

* Total de ocorrências = 130

Com esses dados coletados, não é possível afirmar que as primeiras marcas de passado perfectivo tenham ocorrido com verbos [+ télicos] (*achievements* e *accomplishments*), uma vez que muitos verbos de atividade foram produzidos no passado perfectivo⁵. Entretanto, de Lemos (1981) sugere que assim o seja, também com base em dados do PB. A diferença percentual entre *achievement* e atividade observada pode ser modalizada em função de que parece haver mais verbos de atividade do que de *achievement* no PB.

Quanto à segunda proposta de Andersen & Shirai (*op. cit.*), os dados analisados parecem sustentar a idéia de que o passado perfectivo aparece primeiro em relação ao passado imperfectivo. Convém destacar mais uma vez que as únicas quatro ocorrências no passado imperfectivo deram-se com predicados de estado (“*tava*”). Para avaliar se a previsão quanto à extensão desse tipo de passado para atividades e, num segundo momento, para *accomplishments* e *achievements* estaria correta, seria necessário observar a produção de crianças de faixa etária um pouco superior.

No que diz respeito ao aspecto progressivo, os poucos dados observados não permitem confirmar a previsão de que as primeiras formas ocorrem com verbos de atividade, ainda que sejam compatíveis com ela.

Embora nossos dados de coleta de fala pareçam ratificar algumas das propostas de Andersen & Shirai (*op. cit.*), é preciso deixar claro mais uma vez que, ao contrário do que é sugerido, esse pode não ser o padrão para a aquisição de Tempo e Aspecto nas línguas, mas o padrão de produção de estruturas referentes

⁵ Note que há produção dessas crianças desde os 18 meses e essas evidências não foram encontradas.

a tais categorias. O fato de que a criança não produz determinada estrutura não significa necessariamente que ela não tenha adquirido essa estrutura. Muitos fatores podem justificar a não produção de algo que já se encontra representado na língua da criança. Gostaríamos de destacar aqui que o pequeno emprego de estruturas passadas imperfectivas observado nos dados examinados poderia ser justificado em função da pouca necessidade pragmática das crianças de falarem, por exemplo, sobre hábitos passados, pelo fato de o uso de formas imperfectivas em geral requerer sentenças complexas, na qual uma serve de *frame* de referência para o imperfectivo, assim como em função de imperfectividade parecer ser uma noção cognitivamente mais complexa.

Li & Shirai (2000) realizaram uma ampla revisão da literatura a respeito da interação entre aspecto lexical e marcas gramaticais de Tempo e Aspecto no inglês. A partir dessa empreitada, os autores afirmaram que, quando começam a ser empregadas, na produção, as marcas gramaticais tendem a ocorrer num conjunto restrito de sentenças. O emprego do passado perfectivo (*simple past*), tanto regular quanto irregular, dar-se-ia inicialmente com verbos que expressam um resultado (como, quebrar e cair). Contrariamente, o uso do presente progressivo ocorreria primeiramente com verbos durativos, não-resultativos (como brincar e chorar).

Partindo dessa idéia, Johnson & Fey (2006) examinaram se há interação entre o aspecto lexical e o passado perfectivo (*simple past*), e entre o aspecto lexical e o passado progressivo (*past progressive*), submetendo 35 crianças (2;4 a 3;1 anos de idade) em fase de aquisição do inglês à tarefa de imitação. Para tanto, os autores escolheram verbos que pudessem ocorrer tanto em predicados de atividade quanto de *accomplishment*, isolando desse modo o traço de *telicidade* – enquanto os primeiros são [– télicos], os últimos são [+ télicos]⁶.

Johnson & Fey (*op. cit.*) pretendiam verificar a validade da Hipótese Prototípica (*Prototype Hypothesis*) (Shirai, 1991; Andersen & Shirai, 1996), de acordo com a qual algumas categorias de aspecto lexical estão mais próximas do que outras do significado prototípico de cada morfema verbal. Em linhas gerais, a

⁶ É interessante ressaltar que no inglês um verbo de atividade pode, acrescido de uma preposição, se transformar em um verbo de *accomplishment*. Essa particularidade da língua inglesa facilita o isolamento do traço de telicidade em situações experimentais, o que leva os experimentos realizados com base no inglês a produzirem resultados bastante confiáveis. Em línguas em que essa facilidade não se apresenta, o pesquisador vê-se obrigado a escolher verbos + e - télicos que pertencem a diferentes raízes verbais.

proposta para a morfologia do inglês define que o passado perfectivo ocorra na seguinte ordem: primeiro com verbos de *achievement*; em seguida, com predicados de *accomplishment*; depois com verbos de atividade; e, finalmente, com predicados de estado. Contrariamente, o passado progressivo ocorreria primeiro com verbos de atividade; em seguida, com predicados de *accomplishment*; depois com verbos de *achievement*; e, por fim, a previsão seria de que o passado progressivo pudesse ocorrer com predicados de estado⁷.

Diante do quadro apresentado, Johnson & Fey (*op. cit.*) esperavam, por um lado, que as crianças demonstrassem maior acuidade no uso do passado perfectivo com *accomplishments* do que com atividades; e, por outro, que elas manifestassem melhor desempenho no emprego do passado progressivo com verbos de atividade. Os autores observaram que as crianças produziram a morfologia de passado perfectivo com maior acuidade nos *accomplishments* do que nas atividades, conforme prevê a Hipótese Prototípica, embora elas não tenham produzido a morfologia de passado progressivo com maior acuidade nas atividades do que nos *accomplishments*, contrariando a previsão dessa hipótese.

Em estudo dedicado à aquisição de aspecto em L2, Andersen (1991) prevê que, nas línguas que, assim como o PB, realizam a distinção \pm perfectivo, o passado perfectivo aparece mais cedo em relação ao passado imperfectivo, e as ordens de ocorrência desses passados seriam aquelas apresentadas em (48) e (49), respectivamente.

(48) Pass. Perf.: *achievement* → *accomplishment* → atividade → estado

(49) Pass. Imp.: estado → atividade → *accomplishment* → *achievement*

De acordo com esse quadro, se quiséssemos isolar o traço de *telicidade*, a exemplo do que fizeram Johnson & Fey (*op. cit.*), poderíamos prever, por um lado, que a realização do passado perfectivo no PB seria menos custosa com *accomplishments* do que com atividades; e que, por outro lado, a realização do passado imperfectivo seria menos custosa nas atividades em relação aos

⁷ O uso do progressivo para verbos de estado em inglês resulta numa sentença agramatical. Essa incompatibilidade parece dever-se ao fato de o aspecto progressivo apresentar a situação como em andamento e exigir que essa situação se constitua de fases sucessivas. O progressivo pressupõe o desenvolvimento dinâmico de uma situação, o que não se faz possível com os verbos de estado.

accomplishments. No segundo experimento apresentado nesse trabalho, essa relação é verificada. Os resultados serão apresentados e discutidos no momento oportuno.

Reportamos aqui um dos três experimentos realizados por McShane & Whittaker (1988). O referido estudo interessava-se especificamente em como as crianças controlam a distinção progressivo/ não-progressivo quando descrevem situações no passado; que efeitos têm os parâmetros de telicidade, iteratividade e duratividade na escolha que a criança faz da flexão verbal; bem como se as crianças usam mecanismos de aspecto sintético para codificar informação temporal⁸.

Para o experimento que será aqui descrito, referente ao efeito da telicidade na escolha da flexão verbal, crianças de 3;0 a 5;9 anos de idade, todas falantes monolíngües do inglês, assistiram a encenações realizadas por bonecos e foram solicitadas, em seguida, a descrever as situações presenciadas para um outro boneco, incapaz de se lembrar do que assistira, ainda que tenha presenciado as encenações ao lado da criança. O experimento continha 6 diferentes situações, cada uma apresentada duas vezes. As duas apresentações diferiam quanto ao traço de *telicidade*.

O quadro teórico adotado fez com que os autores previssem que nas situações atélicas, tanto o passado simples (*simple past*) quanto o passado progressivo (*past progressive*) estariam apropriados; ao passo que nas situações télicas, o passado progressivo seria menos apropriado para o evento, uma vez que indica que este não foi completado.

A maioria das repostas foi dada no passado (62% de todas as repostas dadas pelas crianças de 3 anos e 95% e 99% das repostas dadas pelas crianças de 4 e 5 anos, respectivamente), o que segundo os autores confirma que as flexões verbais que a criança emprega codificam relações temporais.

Entretanto, algumas especificações precisam ser realizadas. O grupo de crianças de 3 anos foi o único que produziu repostas no presente em quantidade

⁸ Essa última questão colocada pelos autores diz respeito ao fato de que a informação aspectual pode não ser codificada apenas por meio de flexões verbais. Outros mecanismos gramaticais poderiam fazê-lo, tais como advérbios de tempo e sintagmas adverbiais, os quais foram tratados pelos autores como aspecto sintético (*synthetic aspect*). Poucas investigações haviam sido feitas até aquele momento com relação ao aspecto sintético, o que motivou os autores a investigar se as crianças sistematicamente usam mecanismos não-flexionais para codificar informação aspectual.

e a manipulação + ou – télico não afetou significativamente a distribuição de resultados, embora tenha havido mais respostas de verbos télicos no passado simples.

Com as crianças de 4 anos, houve significativamente mais respostas de situações télicas no passado simples do que de situações atélicas. Entretanto, 41% das respostas foram dadas indistintamente – tanto para verbos télicos quanto para atélicos – no passado simples. Embora as crianças pertencentes a esse grupo tenham dado respostas apropriadas, isso não demonstra que a manipulação aspectual interfira no padrão de respostas. Os autores apontaram que 23% das respostas configuraram a relação passado simples – situações télicas e passado progressivo – situações atélicas, enquanto que apenas 4% das respostas configuraram o padrão oposto. Assim, as crianças de 4 anos responderam seletivamente à distinção aspectual \pm télico, embora esse tipo de resposta tenha ocorrido em pequena escala.

Já as crianças de 5 anos produziram significativamente mais respostas no passado simples para situações télicas do que para situações atélicas. Todavia, houve um alto percentual de passado progressivo com situações télicas, o que contraria as expectativas. 18% de respostas obedeceram às relações passado simples – situações télicas e passado progressivo – situações atélicas, enquanto apenas 7% das respostas configuraram o padrão oposto. Não se observou um aumento significativo quanto a distinções aspectuais realizadas quando esse grupo foi comparado com o grupo de 4 anos, embora o contrário se tenha sido observado quando os grupos de 3 e de 5 anos foram comparados. Apesar de as crianças de 3 anos usarem o passado simples predominantemente nas suas descrições, não houve evidência suficiente de que elas respondam seletivamente quanto a distinções aspectuais. Já as crianças de 4 e 5 anos foram mais seletivas, embora mesmo nesses grupos a distinção entre situações télicas e atélicas não tenha sido significativamente expressa.

Em resumo, é possível dizer que houve um efeito principal de tempo, na medida em que a maioria das respostas foi dada no passado. Esse resultado é interpretado pelos autores como indicativo de que crianças, já aos 3 anos, codificariam Tempo. Além disso, se aos 3 anos não houve mais respostas no passado perfectivo para verbos/predicados télicos, aos 4 e 5 anos esse padrão foi observado, o que foi, em certa medida, surpreendente. Se *telicidade* afeta o

emprego da morfologia verbal, era de se esperar que a relação entre esse traço e *perfectividade/progressividade* fosse observada desde cedo. Os pesquisadores observaram ainda um crescimento no uso do passado progressivo tanto para situações télicas quanto para atélicas.

Esses resultados de McShane & Whittaker (1988) serão retomados e reanalisados por nós no que diz respeito ao traço de *telicidade*, no capítulo 5, no qual nossos experimentos serão descritos.

Nesta seção, foram apresentados estudos sobre aquisição de aspecto que sugerem que o emprego de afixos de tempo/aspecto ocorre inicialmente em função dos traços semânticos dos predicados verbais. Os afixos estariam, assim, codificando aspecto lexical e não tempo. Nesse sentido, estudos aqui apresentados sugerem haver relação entre *duratividade* e o afixo empregado (Bloom, Lifter & Hafitz, 1980), ou entre resultatividade (entendida em certa medida como *telicidade*) e o afixo utilizado (Bronckart & Sinclair, 1973; Antinucci & Miller, 1976).

Foram apresentados, contudo, estudos que questionam esse tipo de relação. Retomamos aqui os estudos de Harner (1981), Johnson & Fey (2006) e McShane & Whittaker (1988), os quais apresentam evidências experimentais que parecem não sustentar, por exemplo, a relação entre *telicidade* e o afixo verbal empregado. Esses estudos sugerem que o emprego do afixo verbal estaria codificando Tempo desde cedo.

4.2 ABORDAGENS GERATIVISTAS SOBRE AQUISIÇÃO DE ASPECTO

Como se viu na seção 3.2, dedicada a tratar de aspecto a partir do ponto de vista da teoria lingüística gerativista, muitas propostas cujo objetivo é discutir se haveria uma projeção funcional ASPP baseiam-se em dados da produção de crianças adquirindo uma determinada língua. Ressaltamos mais uma vez que o objetivo da maior parte desses estudos não é caracterizar a aquisição de aspecto, embora possam ter utilizado dados de aquisição.

Dados produzidos por crianças em fase de aquisição revelam que há um estágio durante o qual essas crianças podem usar opcionalmente o infinitivo em contextos que requerem o uso de uma forma finita (estágio do infinitivo opcional).

Nesse contexto, alguns dos trabalhos produzidos propõem a ausência da projeção de Tempo (TP) (Rizzi, 1994) e outros argumentam em favor da subespecificação dessa projeção (Wexler, 1994). Ainda que se assuma a ausência da projeção de Tempo ou alguma deficiência de Tempo como possíveis soluções para o fenômeno, não é necessário supor que a ausência da projeção funcional de Tempo implica ausência de interpretação temporal. Phillips (1995) propõe que a ausência de marcas visíveis deva ser analisada como uma mera falta de realização fonética de um traço específico.

Dados de aquisição em russo, língua na qual Tempo e Aspecto não são morfologicamente fundidos, podem ser bastante esclarecedores quanto a isso. Brun *et. al.* (1999) realizaram um estudo com crianças adquirindo russo, de acordo com o qual, durante o estágio do infinitivo opcional, as crianças russas adquirem conhecimento do sistema aspectual, na medida em que elas empregam marcas morfológicas de aspecto perfectivo e imperfectivo corretamente. Através de um *corpus* composto por dados de produção espontânea de crianças monolíngües falantes do russo (1;5 – 2;5), os autores sublinharam que há uma forte relação entre a interpretação temporal de estruturas de *root infinitive* e o tipo de marca aspectual fonológica empregada. As crianças russas tenderam a usar preponderantemente verbos com marca de perfectividade quando eles se referiam a eventos no passado, e verbos com marcas de imperfectividade quando se referiam a situações presentes. O fato de que as crianças empregaram muito mais freqüentemente o aspecto perfectivo em estruturas de *root infinitive* em relação a esse mesmo emprego em estruturas finitas foi interpretado pelos autores como evidência para o fato de as crianças usarem o sistema aspectual em *root infinitives* para dar informação temporal. Um tal desequilíbrio pode ser interpretado como uma tentativa, por parte da criança, de veicular informação relativa a Tempo.

O referido trabalho sugere, assim, que crianças pequenas representem relações temporais – contrariando o que propuseram Bronckart & Sinclair (1973), Antinucci & Miller (1976) e Bloom, Lifter & Hafitz (1980) – embora essas relações sejam inicialmente codificadas por meio da morfologia relativa a Aspecto. Diferentemente de muitos dos trabalhos desenvolvimentistas acima mencionados – os quais defendem que os afixos inicialmente produzidos codificam informação relativa a aspecto lexical –, Brun *et. al.* (*op. cit.*) defendem que por meio de afixos aspectuais informação relativa a Tempo estaria sendo codificada. Note-se que,

neste caso, a relação observada não diz respeito a aspecto lexical, mas a aspecto gramatical.

No que diz respeito à aquisição de aspecto, especificamente, estudos baseados no russo revelam que crianças compreendem informação relativa a Aspecto, embora nem sempre isso possa estar claro em dados da produção.

A esse respeito, Vinnitskaya & Wexler (2001) realizaram um experimento de compreensão e produção com crianças adquirindo russo. Na primeira parte do experimento, dedicada à compreensão, crianças de 3;2 a 5;4 anos de idade foram solicitadas a demonstrar aquilo que se dizia. Nesse tipo de tarefa, as crianças obtiveram um desempenho similar ao dos adultos quanto à compreensão de distinções relativas a *perfectividade*. Num segundo momento, essas mesmas crianças foram submetidas a testes de produção. Nesses testes, o experimentador mostrava aos participantes uma gravura em que um evento estivesse ocorrendo – uma atividade ou um *accomplishment*, nos termos aqui assumidos – e produzia uma sentença tal como “O macaco está comendo uma banana agora”. Em seguida, o experimentador mostrava aos participantes uma outra gravura, na qual a banana já havia sido comida – para seguirmos o mesmo exemplo – e solicitava à criança que completasse uma sentença relativa a tal gravura iniciada por “Ontem...”. Nessa tarefa, as crianças empregaram o imperfectivo em situações em que se esperava o uso do perfectivo.

Baseados nesse experimento, Vinnitskaya & Wexler (*op. cit.*) apontam que crianças adquirindo russo compreendem as distinções aspectuais relativas a *perfectividade* desde muito cedo, embora tenham certa dificuldade em produzi-las. Essa dificuldade é explicada pelos autores em função de restrições de ordem pragmática. Nesse sentido, as crianças assumiriam equivocadamente que o ouvinte reconhece aquele evento para o qual se esperava um afixo perfectivo como uma situação completa. Uma vez que essa informação é tomada como conhecida pelo ouvinte, o emprego de um afixo imperfectivo seria natural. Nesse contexto, se a informação sobre completude é tomada como nova pela criança em relação a seu ouvinte, o perfectivo seria justificado, ao passo que, se essa informação é tomada como já partilhada com o ouvinte, a criança emprega o imperfectivo.

Os resultados desse último experimento são bastante interessantes, na medida em que podem ser interpretados como fonte de evidência para algo já

sugerido nessa dissertação: que o fato de a criança não produzir uma determinada estrutura relativa a distinções aspectuais não significa que ela não seja capaz de interpretar tais distinções, mas que outros fatores podem estar afetando a produção dessa criança.

Tais resultados podem ser de grande utilidade no sentido de nos permitir questionar estudos baseados exclusivamente na produção e, particularmente, aqueles baseados exclusivamente em dados da fala espontânea da criança. Como se viu, fatores de ordem pragmática podem afetar as respostas dadas em testes de produção eliciada. Essa situação torna-se ainda mais delicada quando são analisados dados naturalistas, obtidos em coletas longitudinais. Nesses casos, o fato de uma estrutura não ser produzida não significa em absoluto que a criança – tendo identificado, a partir da interface fônica, a presença de afixos flexionais presos a raízes verbais, tendo atribuído-lhes valor gramatical como elemento funcional, tendo identificado variações morfofonológicas no âmbito dessa classe, a serem tomadas como distinções morfossintáticas – não seja, ainda, capaz de interpretá-la semanticamente – mesmo que se possa supor que tal interpretação apresente demandas cognitivas que podem determinar um curso de desenvolvimento próprio.

Nesta seção, apresentamos dois estudos experimentais baseados no russo, língua na qual não há sobreposição de afixos de tempo e aspecto, que parecem sugerir, por um lado, que, mesmo no estágio do infinitivo opcional, a criança veicula informação relativa a Tempo, embora o faça por meio de afixos aspectuais (Brun *et. al.*, 1999); e, por outro, que a distinção aspectual relativa a *perfectividade* já é compreendida pela criança desde cedo, embora questões pragmáticas possam interferir na produção de afixos referentes a tal distinção (Vinnitskaya & Wexler, 2001).

Os experimentos que são apresentados a seguir tem por objetivo avaliar questões até aqui apresentadas no que diz respeito ao PB. Interessa-nos, por exemplo, avaliar se crianças adquirindo PB são sensíveis a distinções temporais, a variações aspectuais ligadas ao traço de *perfectividade*, se esse traço é interpretado desde cedo ou não, se o traço semântico de *telicidade* afeta a interpretação de *perfectividade*.